

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 500 exemplares
Depósito Legal: 433460/17
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial



A NECRÓPOLE DE ALCOITÃO NO CONTEXTO DAS PRÁTICAS FUNERÁRIAS ALTO-MEDIEVAIS DO CONCELHO DE CASCAIS

Catarina Meira¹

RESUMO

O presente poster tem como finalidade apresentar os resultados do estudo da necrópole de Alcoitão, considerando os testemunhos arqueológicos respeitantes às práticas funerárias levadas a cabo no atual concelho de Cascais durante os séculos VI e VII.

A necrópole de Alcoitão é um cemitério composto por sepulturas de inumação, cujos indivíduos eram depositos com escassos espólios funerários. Observa-se a reutilização das sepulturas para uma sucessão de enterramentos, além de que grande parte das sepulturas de Alcoitão, orientadas canonicamente Este-Oeste, fossem estruturadas por esteios pétreos. Segundo um esboço de finais do século XIX, as sepulturas distribuíam-se em filas paralelas. Depreende-se com este estudo que o tipo de necrópole está associada à existência de uma pequena comunidade rural.

Palavras-chave: Arqueologia, Alta Idade Média, Sepulturas.

ABSTRACT

This poster aims to present the results of the study of Alcoitão's necropolis which involves the archaeological remains of funerary practices developed in the municipality of Cascais during the VIth and VIIth centuries. The necropolis of Alcoitão is a cemetery constituted by inhumation graves whose deceased were buried with scarce funerary assets. The systematic reuse of the graves for various burials was observed, as well as its canonical orientation and their characteristic rock structure. According with a sketch from the late nineteenth century, all the graves were aligned in parallel rows. The results of this study reveals that this type of necropolis is associated with the existence of a small rural community.

Keywords: Archaeology, Early Middle Ages, Graves.

1. INTRODUÇÃO

A necrópole de Alcoitão situa-se na freguesia de Alcabideche, entre o Centro de Reabilitação de Alcoitão e a autoestrada Cascais-Lisboa. O sítio da necrópole localiza-se numa elevação (121 m de altitude) que dista cerca de seis metros da Estrada Nacional 6-8, ocupando uma área de 2400 m². A mesma situa-se a 257 m Noroeste da Ribeira da Cadaveira e a 712 m Este da Ribeira da Amoreira e implanta-se em solos litólicos de classe C e em solos calcários de classe E. Geologicamente o local onde se implanta esta necrópole define-se por uma formação de regatão,

arenitos, pelitos e dolomitos e por filões e massas de traquibasalto. Além disso é de notar que a sua área de proteção arqueológica, estabelecida pelo decreto n.º 67/97 de 31 de Dezembro, é afetada uma envolvente bastante urbanizada e por vários eixos viários.

As sepulturas que constituem a necrópole foram divulgadas pela primeira vez em 1888-1892 por Francisco Paula e Oliveira, membro dos Serviços Geológicos de Portugal, durante uma Comunicação na Comissão dos Trabalhos Geológicos intitulada «*Antiquités préhistoriques et romaines des environs de Cascaes*». Esta resultava de uma campanha de exploração arqueológica que o seu autor havia feito

1. NOVA-FCSH | IEM, Bolseira FCT (SFRH/BD/118391/2016); catarinabmeira@gmail.com

por todo o concelho na procura de vestígios arqueológicos. F. Paula e Oliveira refere então a existência de um cemitério composto por 34 sepulturas, dez das quais ainda se encontravam cobertas e estruturadas por lajes horizontais e verticais. As mesmas dispunham-se em sete filas no sentido Norte-Sul, como ilustra o único esboço conhecido da necrópole (OLIVEIRA, 1888-1892, pl. I: fig. 1) (Figura 1). Mencionava ainda que todas as sepulturas apresentavam uma orientação aproximada Este-Oeste e que, em termos métricos, tinham de profundidade entre 30 cm e 60 cm, de largura entre 60 cm a 90 cm e de comprimento entre 1,80 m a 2,20 m. Entre as sepulturas destacou uma em particular devido ao facto de possuir, segundo o autor, 3 metros de comprimento. Destacou igualmente uma ou duas sepulturas por possuírem apenas cerca de 1 m de comprimento, o que se aliava ao facto de conterem esqueletos de crianças (OLIVEIRA, 1888-1892, p. 6).

Do ponto de vista arquitetónico, todos os sepulcros estavam estruturados por duas lajes verticais dispostas em cada um dos lados, e por mais uma colocada aos pés e outra à cabeceira. Nas sepulturas que se encontravam ainda com tampa, a mesma era constituída por duas ou três lajes calcárias. Essas lajes não eram afeiçoadas. Por vezes, tal como registado por Francisco Paula e Oliveira, recorreu-se à utilização de argamassa feita de cal e tijolo esmagado para selar os intervalos entre as lajes.

A escavação da necrópole por parte deste autor veio revelar um espólio osteológico muito significativo e bem conservado. Foi ainda exumado algum espólio funerário, bastante mais escasso, composto por adornos pessoais (anéis e fivelas) e jarros de cerâmica (em número de 2). Este espólio foi considerado por Afonso do Paço como sendo uma marca cultural de povos germânicos invasores (PAÇO, 1960). Todas peças deste conjunto foram encontradas em sepulturas diferentes (OLIVEIRA, 1888-1892, p. 6-7).

A partir da publicação de F. Paula e Oliveira é perceptível que a reutilização de sepulturas estava já generalizada. Aliás durante toda a Antiguidade Tardia e a Alta Idade Média é uma característica comum à maioria dos cemitérios de inumação. Sobre este fenómeno o autor teoriza acerca dos laços de parentesco que podiam unir os vários indivíduos depositos dentro da mesma sepultura (OLIVEIRA, 1888-1892, p. 7). Regra geral, as sepulturas continham mais do que um esqueleto, normalmente dois ou três, tendo-se observado um caso em que estavam inumados 5

indivíduos. Refere ainda este autor que os esqueletos se encontravam na sua maioria completos. Os indivíduos em deposição primária estavam deitados sobre as costas, em decúbito dorsal, com a face virada para cima, para o céu, e a orientação da sepultura a Este proporcionava uma posição ao defunto que poderia, no Dia do Juízo Final, avistar Deus quando se levantasse a Este. Os braços estavam estendidos ao longo do corpo ou, alternativamente, as mãos pousavam sob a bacia.

Para além dos esqueletos escavados que se encontravam em deposição primária, o escavador descreveu ainda os diversos ossários existentes nas várias sepulturas, cuja prática é característica do ritual do reaproveitamento dos sepulcros. Em Alcoitão, F. Paula e Oliveira terá observado duas soluções distintas para a arrumação dos ossários: podiam estar posicionados na parte inferior das sepulturas (na área dos pés), sem que se tenha observado uma disposição lógica dos mesmos, ou podiam ter sofrido uma seleção prévia, uma vez que alguns crânios foram poupados e colocados nos intervalos dos fémures dos esqueletos deitados, sendo as restantes peças esqueléticas removidas para o exterior da sepultura (OLIVEIRA, 1888-1892, p. 7).

Em 2001, no âmbito da construção da Via Longitudinal Norte (Troço Nó das Fisgas / Quinta de S. Martinho), uma equipa orientada por Lurdes Trindade, com a colaboração de José d' Encarnação e Guilherme Cardoso, realizou sondagens na área de proteção a Poente e a Norte. Em sequência foi descoberta uma sepultura na zona Poente, o que obrigou à decapagem integral dessa área e à identificação de mais duas sepulturas. Foi ainda possível relocalizar uma outra – a Sepultura A –, escavada por F. Paula e Oliveira, encontrando-se já vazia (Figura 2). Esta apresentava-se orientada Este-Oeste, sendo igualmente estruturada por lajes. Já não tinha cobertura e faltava-lhe parte dos esteios do lado Norte e dos pés. Os que se conservavam eram todos em calcário local (CARDOSO e ENCARNAÇÃO, 2001).

No que respeita às novas sepulturas descobertas, uma era de tipo cista – Sepultura 1 – composta por duas lajes de cobertura. Encontrava-se orientada Este-Oeste e por cima da tampa foram identificados dois crânios: um de um indivíduo jovem e outro de um adulto, e mais alguns ossos muito fragmentados. Os esteios que compunham a caixa da sepultura, de calcário local, encontravam-se colocados em cutelo. No interior desta sepultura estava depositado

um indivíduo em decúbito dorsal, virado a Nascente (CARDOSO e ENCARNAÇÃO, 2001) (Figura 3). Já as Sepulturas 2 e 3, viradas a Este, eram do tipo fossa, não dispondo de material pétreo a delimitá-las e não eram providas de lajes de cobertura. Cada uma continha um indivíduo em decúbito dorsal, estando os ossos em muito mau estado de conservação (CARDOSO e ENCARNAÇÃO, 2001) (Figuras 4 e 5). O espólio identificado era unicamente osteológico, não havendo nenhum espólio funerário a registar. Os trabalhos de prospeção realizados no âmbito da presente investigação tiveram como finalidade apurar o estado de conservação das sepulturas já escavadas, atentar mais algumas particularidades arquitectónicas das mesmas e eventualmente proceder ao reconhecimento de novos vestígios. Foi possível relocalizar a Sepultura A: este sepulcro de lajes, de tipologia retangular, não apresenta indícios de antropomorfismo, confirmando-se o facto de já não conservar os esteios na zona dos pés, nem a tampa de cobertura e de estar orientado Este-Oeste. Tem 1,95 m de comprimento da cabeceira ao último esteio preservado. Em seu redor constatou-se a existência de grandes blocos de pedra que poderiam ter pertencido a outras sepulturas. Os mesmos podem ainda resultar do desmantelamento consequente da escavação de F. Paula e Oliveira. Esses blocos, por vezes com 1 m de comprimento, surgem à superfície, uns mais soterrados do que outros, e têm uma orientação consonante com a Sepultura A. É ainda de destacar que se observa *in loco* alguns fragmentos de materiais de construção, especialmente telha.

2. DESCRIÇÃO DO ESTUDO DAS COLEÇÕES OSTEOLÓGICAS DO SÍTIO: METODOLOGIAS E RESULTADOS

Não se pode deixar de enumerar uma série de dificuldades que surgiram no estudo desta necrópole. Em primeiro lugar, a investigação fica comprometida pela falta de um registo gráfico rigoroso e pela ausência de determinadas informações que a arqueologia dos cemitérios alto-medievais privilegia atualmente. O único registo gráfico deste sítio é apresentado por F. Paula e Oliveira (OLIVEIRA, 1888-1892, pl. I: fig. 1) (Figura 1). Trata-se de um esboço muito simples, cujo objetivo é ilustrar a disposição das sepulturas e apontar aquelas que ainda conservavam as tampas de cobertura. A análise desse esboço não permite tirar elações pormenorizadas

acerca da arrumação dos indivíduos e dos ossários no interior das sepulturas, ou acerca da disposição dos espólios funerários em relação aos esqueletos. Não são raras as vezes em que os objetos de indumentária e de adorno pessoal aparecem ainda *in situ* (brincos junto ao crânio, placas de cinturão na zona da bacia, anéis ainda nas falanges de origem, entre outros exemplos).

Outra dificuldade adveio da tentativa de análise sepultura-a-sepultura, recorrendo ao estudo dos materiais osteológicos depositados atualmente no Museu Nacional de Arqueologia (MNA). Tal análise possibilitou ter a percepção de que não há coincidência entre o número de sepulturas relatadas por F. Paula e Oliveira na sua publicação (OLIVEIRA, 1888-1892) e o número de sepulturas registadas nas caixas que contêm os ossos exumados na escavação do século XIX.

F. Paula e Oliveira descreve ter descoberto um total de 34 sepulturas nesta necrópole (OLIVEIRA, 1888-1892, p. 6). Por razões que se desconhecem, ou por ausência de restos humanos em algumas sepulturas que o autor não assinalou, o Museu Nacional de Arqueologia conserva espólios osteológicos atribuíveis a apenas 28 sepulturas. Curiosamente uma delas está indicada como a N.º 47. Verificou-se ainda que as sepulturas 1, 16, 17, 19, 22, 30 e 31 não tinham qualquer espólio osteológico associado, uma vez que não estavam registadas nas caixas.

Assim, após o estudo antropológico preliminar, que contou com o contributo da antropóloga Raquel Granja, verifica-se que há uma discrepância entre o que foi publicado (OLIVEIRA, 1888-1892; PAÇO, 1960; CARDOSO, 1991) ou integrado em relatórios (CARDOSO e ENCARNAÇÃO, 2001) e a informação coletada nas coleções osteológicas depositadas no MNA. A discrepância pode ser resumida da seguinte forma:

- Número de sepulturas descritas em publicação e relatórios: 34 (identificadas em 1888) + 3 (identificadas em 2001) = total de 37 sepulturas.
- Número de sepulturas com restos humanos: 28 (referenciados no MNA como provenientes das escavações realizadas em 1888) + 3 (identificados como exumados nas escavações de 2001) = 31 sepulturas.

Há assim, portanto, um desfasamento de seis sepulturas e um número imprevisível de indivíduos.

Apesar de quaisquer contradições que possam surgir no que respeita ao número de sepulturas com

conservação óssea que tenham existido, o inventário osteológico realizado permitiu apurar um NMI de 74 indivíduos. Este número resulta da adição entre os indivíduos provenientes das sepulturas descobertas em 1888 - 69 indivíduos (depositados no MNA) - e os esqueletos exumados nas escavações de 2001 - 5 indivíduos. Para além destes, no MNA estão ainda depositados mais 10 crânios sem qualquer indicação de sepultura, o que elevaria em 10 indivíduos o número referenciado. Todavia, por não se ter a certeza da sua proveniência, os mesmos não foram considerados neste estudo.

Apresentam-se de seguida os resultados do estudo preliminar antropológico realizado sobre a coleção osteológica da necrópole de Alcoitão (Tabela 1). O mesmo foi realizado para efeitos de reconhecimento do NMI, mas, sempre que possível, identificou-se o sexo e a idade à morte. Tal informação é essencial para o estudo arqueológico da necrópole, mas é claramente insuficiente para um estudo antropológico. A informação de cariz antropológica cingiu-se assim aos dados básicos necessários para uma correta análise arqueológica e histórica nesta necrópole. Para a definição do NMI exumados durante as escavações de 1888 recorreu-se ao método proposto por Herrmann *et all.* (1990) para os ossos longos e considerando as adaptações de Silva (1993; 2002) que

tem em conta a lateralidade e o estado de maturação dos ossos de indivíduos imaturos. Para além disso, cruzou-se as frequências de outras peças esqueléticas (crânios, coxais, mãos, pés e dentes), tendo em conta a dimensão relativa e o estado de maturação. Procedeu-se, tal como indicado, a uma caracterização básica da idade e sexo dos indivíduos enterrados nesta necrópole. Este estudo foi levado a cabo no Museu Nacional de Arqueologia, local de depósito da referida coleção e contou, como já mencionado anteriormente, com a ajuda da antropóloga Raquel Granja.

Os dados respeitantes às sepulturas e aos esqueletos descobertos nas escavações realizadas em 2001 a propósito da construção da Via Longitudinal Norte e que se apresentam também seguidamente (Tabela 2) foram obtidos exclusivamente dos relatórios de escavação entregues ao Instituto Português de Arqueologia (IPA). Do mesmo consta a análise antropológica preliminar efetuada pelo antropólogo Luís Lopes durante os trabalhos arqueológicos. Por não constarem em tal trabalho as informações relativas à diagnose sexual e etária desses esqueletos, esses dados não podem ser incluídos. Não foi possível aceder ao material osteológico da intervenção de 2001, porque, conforme informação de Guilherme Cardoso, o mesmo ainda está na posse do antropólogo Luís Lopes para o seu estudo e a consequente publicação.

Tabela 1 – Resultados do estudo antropológico das sepulturas de Alcoitão descobertas em 1888 (MEIRA, 2015).

Sepultura	Indivíduos		Número Mínimo de Indivíduos (NMI)
	Sexo	Idade à Morte	
2	Indeterminado	Maturo	3
	Indeterminado	Maturo	
	Não observável	Imaturo	
3	Indeterminado	Maturo (Mais de 40 anos)	2
	Não observável	Imaturo	
4	Feminino	Maturo	3
	Masculino	Maturo	
	Não observável	Imaturo (Cerca de 7/8 anos)	
5	Masculino	Maturo	1
6	Não observável	Imaturo (Cerca de 7/8 anos)	2 ²
	Indeterminado	Maturo	
7	Masculino	Maturo	3
	Feminino	Maturo	
	Não observável	Imaturo (Cerca de 6/7 anos)	
8	Masculino	Maturo	3
	Masculino	Maturo	
	Não observável	Imaturo	
9	Não observável	Imaturo	4
	Não observável	Imaturo	
	Não observável	Imaturo (Cerca de 7/8 anos)	
	Não observável	Imaturo (Cerca de 4 anos)	

Tabela 1 (Continuação)

10	Masculino	Maturo	2
	Feminino	Maturo	
11	Feminino	Maturo	1
12	Não observável	Imaturo (Cerca de 4 anos)	3
	Não observável	Imaturo (Mais de 15 anos)	
	Não observável	Imaturo (No máximo 19 anos)	
13	Não observável	Imaturo (Cerca de 3/4 anos)	2
	Não observável	Imaturo (Cerca de 9 anos)	
14	Feminino	Maturo	2
	Indeterminado	Maturo	
15	Indeterminado	Maturo	5
	Indeterminado	Maturo	
	Não observável	Imaturo (Cerca de 5/6 anos)	
	Não observável	Imaturo (Cerca de 8 anos)	
	Não observável	Imaturo	
18	Não observável	Imaturo (Pelo menos 15 anos)	1
20	Masculino	Maturo	2
	Indeterminado	Maturo	
21	Feminino	Maturo	4
	Masculino	Maturo	
	Indeterminado	Maturo	
	Não observável	Imaturo (Mais de 5 anos)	
23	Masculino	Maturo	3
	Não observável	Imaturo	
	Não observável	Imaturo	
24	Feminino	Maturo	3
	Feminino	Maturo	
	Masculino	Maturo	
25	Feminino	Maturo	2
	Masculino	Maturo	
26	Feminino	Maturo	1
27	Masculino	Maturo	3
	Feminino	Maturo	
	Não observável	Imaturo (Cerca de 12 anos)	
28	Masculino	Maturo	2
	Feminino	Maturo	
29	Masculino	Maturo	1
32	Masculino	Maturo	6
	Masculino	Maturo	
	Feminino	Maturo	
	Feminino	Maturo	
	Indeterminado	Maturo	
	Não observável	Imaturo	
33	Indeterminado	?	1 ³
34	Não observável	Imaturo (Cerca de 6/7 anos)	2
	Não observável	Imaturo	
47	Masculino	Maturo	2
	Não observável	Imaturo (No máximo 18 anos)	
			TOTAL: 69 indivíduos

2. Considerou-se como sepultura infantil, uma vez que o indivíduo maturo apenas se faz representar através de uma falange direita proximal que pode ser proveniente da terra de enchimento.

3. A diagnose sexual deste indivíduo através do crânio é difícil, já que apresenta uma mastoide característica do sexo feminino e um occipital próprio do sexo masculino. Também a diagnose etária se revela complicada: por um lado, a dimensão do crânio parece a de um indivíduo maturo; mas por outro, a sua espessura aparenta ser a de um indivíduo imaturo.

Tabela 2 – Estudo antropológico das sepulturas de Alcoitão descobertas em 2001 (Cardoso e Encarnação, 2001).

Sepultura	Indivíduos		Número Mínimo de Indivíduos (NMI)
	Sexo	Idade à Morte	
1	?	Maturo?	3
	?	Maturo?	
	Não observável	Imaturo	
2	?	Maturo?	1
3	?	Maturo?	1
			TOTAL: 5 indivíduos

3. O ESPÓLIO

À semelhança de inúmeras necrópoles de cronologia análoga, também nesta a maior parte das sepulturas não dispunham de espólio funerário no seu interior. Ainda assim, foi possível analisar três peças – dois jarros cerâmicos e um anel de bronze proveniente desta necrópole e depositado no MNA.

Do conjunto apenas o jarro *AL. 2* se encontra associado a uma sepultura – a Sepultura 2 –, informação foi apenas proporcionada pelo registo do Museu Nacional de Arqueologia, uma vez que F. Paula e Oliveira não lhe faz menção em «*Antiquités préhistoriques et romaines des environs de Cascaes*» (OLIVEIRA, 1888-1892).

3.1. Cerâmico

AL. 1 – Jarro (Figura 6)

Forma fechada, composta por corpo globular e um colo hiperboloide. É impossível determinar a morfologia do bordo por estar fraturada nesta parte. O arranque da asa, em fita, é de secção trapezoidal, orientada verticalmente em relação à peça e fixada na parte superior do corpo. Apresenta uma base em disco.

Exibe duas incisões paralelas na superfície externa do bojo, logo abaixo do colo.

O mesmo foi fabricado a torno e cozido em ambiente oxidante.

A pasta apresenta uma consistência média e textura homogénea. Tem uma concentração fraca de ENP, observando-se macroscopicamente micas, quartzos e elementos feldspáticos.

Tanto as superfícies e as fraturas são de cor laranja (5YR 7/8).

Não são visíveis marcas de fogo, nem de utilização.

Atributos métricos: Altura máxima – 164 mm; Diâmetro máximo – 100 mm; Diâmetro da boca – s/d; Diâmetro do colo – 42 mm; Diâmetro da base – 46 mm; Espessura média – 3,5 mm

Peso: 229,4 g.

Notas: Desconhece-se a sepultura de proveniência, mas segundo F. Paula e Oliveira foi encontrado aos pés de um indivíduo (OLIVEIRA, 1888-1892, p. 7).

AL. 2 – Jarro (Figura 7)

Forma fechada de corpo piriforme. É impossível apurar a morfologia do bordo, uma vez que se encontra fraturado a essa altura. O arranque da asa é de secção circular, orientada verticalmente em relação à peça e fixada na parte superior do corpo. Apresenta uma base côncava.

O fabrico foi realizado a torno e a peça foi cozida em ambiente oxidante.

A pasta tem uma compacidade média e textura arenosa. Apresenta uma densidade abundante de ENP, sendo possível observar macroscopicamente micas, quartzos, feldspato e calcário.

Tanto as superfícies como as fraturas têm cor castanha avermelhada (5YR 6/6).

Não são visíveis marcas de fogo, nem de utilização.

Atributos métricos: Altura máxima – 118 mm; Diâmetro máximo – 69 mm; Diâmetro da boca – s/d; Diâmetro do colo – 30 mm; Diâmetro da base – 44 mm; Espessura média – 4 mm

Peso: 212,7 g.

Notas: Proveniente da Sepultura 2.

3.2. Metálico

AL. 3 – Anel (Figura 8)

Peça em bronze, fundida a molde, de aro plano convexo.

A mesa apresenta uma moldura lisa definida por um sulco inciso ao longo de todo o contorno. No campo central estão traçados cinco ‘SSS’ paralelos entre si, elaborados através de incisões.

O aro também se encontra decorado com três linhas incisivas que formam um elemento triangular. O vértice de cada linha termina num círculo impresso e puncionamento concêntrico.

Atributos métricos (segundo AREZES, 2010, An – 10): Diâmetro do aro – 25,35 mm x 23,88 mm; Diâmetro da mesa – 14,68 mm x 10,39 mm; Espessura média – 2,62 mm.

Cronologias propostas: séculos VI-VII d.C. (proposta por AREZES, 2010).

4. INTERPRETAÇÃO E INTEGRAÇÃO CRONO-CULTURAL

A necrópole de Alcoitão é um cemitério composto por sepulturas de inumação, cujos indivíduos eram depositos com escassos ou nenhum espólio funerário, o que é uma característica comum no mundo funerário alto-medieval. Em Alcoitão, apenas foram recolhidos dois jarros cerâmicos, que derivam das formas fechadas de cerâmica comum para conter e servir líquidos, e um anel de bronze decorado datado do século VI-VII d.C. Outra particularidade

observada, que também é comum às demais necrópoles da mesma cronologia, foi a da reutilização quase sistemática das sepulturas para mais do que um enterramento, originando a formação de ossários resultantes de inumações anteriores. Estes podiam ou não obedecer a uma seleção prévia, mas denota-se a prática de arrumar os ossos das inumações anteriores antes de se depositar uma nova inumação (Tabela 3). No conjunto das escavações aqui realizadas (1888 e 2001) ter-se-á apurado um total de 37 sepulturas; no entanto, há restos humanos atribuídos a apenas 31, desconhecendo-se o que terá ocorrido com os restos osteológicos de 6 sepulturas, ou se as mesmas não teriam ossos conservados. Não obstante, é de supor que o NMI obtido através do estudo antropológico da coleção desta necrópole – 74 indivíduos – será certamente inferior ao número real de inumações realizadas em Alcoitão.

Tabela 3 – Alcoitão: Indivíduos por sepultura (MEIRA, 2015).

Indivíduos por sepultura	Sepulturas escavadas em 1888	Sepulturas escavadas em 2001	Número de sepulturas (%)
1 indivíduo	5; 11; 18; 26; 29; 33	2; 3	8/31 (25,8%)
2 indivíduos	3; 6; 10; 13; 14; 20; 25; 28; 34; 47		10/31 (32,3%)
3 indivíduos	2; 4; 7; 8; 12; 23; 24; 27	1	9/31 (29,0%)
4 indivíduos	9; 21		2/31 (6,5%)
5 indivíduos	15		1/31 (3,2%)
6 indivíduos	32		1/31 (3,2%)
Sem restos humanos	1; 16; 17; 19; 22; 30; 31		7/37 (18,92%)

É possível que grande parte das sepulturas de Alcoitão fossem estruturadas por esteios laterais e nas extremidades, ou que, pelo menos, fossem cobertas por um número variável de lajes calcárias, normalmente não afeioadas. A utilização de argamassas para selar os intervalos entre as lajes foi igualmente identificada. O princípio de orientar invariavelmente todas as sepulturas Este-Oeste relaciona-se com a crença numa vida *post-mortem*: no Dia do Juízo Final, os defuntos erguer-se-iam virados para Nascente onde seriam recebidos pela luz de Deus.

Os dados que nos chegaram não possibilitam a que se possa realizar uma análise da organização interna do espaço cemiterial, pois o único registo possível é o esboço de F. Paula e Oliveira que indicia apenas uma disposição das sepulturas de forma paralela entre si, formando filas. Nesse sentido, há uma clara intenção de organização da necrópole e, subjacente a isso, depreende-se que haveria quem (o poder lo-

cal ou um conjunto de comunidades) a define-se.

O perfil demográfico que o estudo elementar de Antropologia que foi efetuado permitiu o reconhecimento de 45 indivíduos maduros, entre os quais 17 do sexo masculino, 14 do sexo feminino e 15 de sexo indeterminado. A estes acresce a identificação de 28 indivíduos imaturos e de 1 cuja idade e sexo não foi possível determinar. Seis sepulturas (6, 9, 12, 13, 18 e 34) podem ser consideradas como exclusivamente infantis por conterem apenas esqueletos de indivíduos imaturos. À exceção deste conjunto, verificou-se que uma mesma sepultura poderia ser usada por homens, mulheres e crianças, o que leva a crer que não havia uma intencionalidade em diferenciar os indivíduos no que respeita ao sexo ou à idade. Desconhece-se a relação que os indivíduos inumados poderiam ter entre si, não sendo possível aferir laços de parentesco sem que sejam efetuadas análises de ADN.

O tipo de necrópole, a sua composição demográ-

fica e localização geográfica sugerem que a mesma estaria relacionada com uma pequena comunidade rural. Os trabalhos de prospeção realizados permitiram observar a existência na superfície do terreno de telha, o que pode indicar a presença, nas proximidades, de locais de habitação. As estruturas habitacionais alto-medievais aliavam técnicas de construção com materiais mais duradouros (como a telha e a pedra) a outros perecíveis (madeiras e entramados vegetais) cuja identificação é mais difícil ao olho do prospector, mas que não implica a sua inexistência. Também é conhecida, para contextos deste período, a proximidade a áreas habitadas, exploradas agrariamente e os locais funerários respetivos (MARTÍN VISO, 2012; QUIRÓS CASTILLO, 2013; VIGIL-ESCALERA GUIRADO, 2007).

Os dados fornecidos pela *Carta Arqueológica do Concelho de Cascais* (CARDOSO, 1991) e pela plataforma online 'Portal do Arqueólogo'⁴ indicam que, nas proximidades deste espaço cemiterial está referenciado um outro sítio arqueológico denominado de Casal do Goilão (CNS 11258) que, aparentemente, seria um espaço habitacional de carácter rural. Todavia, a informação disponível não habilita a que se infira a sua dimensão e demais características. Aquando da realização da Carta Arqueológica, Guilherme Cardoso observou a presença de fragmentos de *imbrices* e de cerâmica comum provenientes de um casal agrícola, os quais atribuiu ao período tardo-romano (CARDOSO, 1991, p. 42). No entanto, em 2001, na sequência da construção do Lanço Estádio Nacional / Cascais – Nó de Carcavelos / Nó de Alcibideche da A5, as prospeções sistemáticas realizadas na área do traçado notaram a total destruição do sítio arqueológico, originado pela construção do estaleiro de obra da construção da A5, sem que tenha havido trabalhos de minimização prévios.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação destas necrópoles evidencia a prática da inumação que vinha sendo comum no Ocidente desde finais do século III. A sua prática reflete a influência de cultos orientais que sublinhavam a importância de manter a integridade dos corpos para uma vida depois da morte.

4. Veja-se 'Portal do Arqueólogo': Casal do Goilão <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=54410> [Consultado a 21/5/2015]

A orientação canónica Este-Oeste que se verificou para quase todas as necrópoles do concelho de Cascais prende-se com a crença no Dia do Juízo Final, o que revela não só uma nova atitude perante o enterramento, mas também que a orientação canónica era conhecida e estava bem presente.

Um dos pontos mais problemáticos é a presença de espólio funerário no interior das sepulturas. Os espólios metálicos são os únicos elementos datantes dos enterramentos da necrópole de Alcoitão, balizando-a cronologicamente entre os séculos VI e VII d.C. As normas cristãs incitavam o despojamento material dos indivíduos na hora da morte, mas nota-se uma certa liberdade nas soluções adotadas pelos primeiros cristãos. Os rituais funerários seriam praticados no seio da comunidade e cuja condução era decidida pela família do defunto. Se por um lado, podemos pensar que os jarros cerâmicos indiciam o Batismo no momento da morte, há que considerar também que a presença de espólios no interior das sepulturas reflete a prevalência de antigos hábitos pagãos.

Conclui-se apenas que estas populações rurais encontravam-se efetivamente cristianizadas, mas a sua posição periférica em relação aos influxos culturais e religiosos da cidade (Lisboa), levou a que continuassem demasiado impregnadas pelos costumes ancestrais pagãos. Daí que tenham persistido hábitos antigos e que os rituais fúnebres se desenvolvessem segundo as regras de entidades mais restritas – as comunidades/famílias.

O estudo das necrópoles do concelho de Cascais (Lisboa) permitiu colocar novamente em discussão um conjunto de informações de carácter arqueológico que se davam como “arrumadas”.

Os dados que foram possíveis de coligir dão a ideia de um território onde as populações levaram a cabo rituais funerários nos quais se denotam arqueologicamente reminiscências de um Passado pagão. As necrópoles de inumação dos séculos VI e VII caracterizam-se pela diversidade arquitetónica das sepulturas, pela proximidade espacial entre elas respeitando uma orientação canónica Este-Oeste, pela presença de espólios funerários que acompanhavam os defuntos e pelo intenso reaproveitamento de sepulturas para uma sucessão de enterramentos.

Os resultados alcançados permitem, agora, começar a construir uma ideia do que terá sido morrer no concelho de Cascais entre os séculos VI e VII, apesar de os buracos de informação serem ainda consideráveis.

O presente poster teve como intuito rever os dados disponíveis da necrópole de Alcoitão e permitir integrar este fenómeno funerário no processo histórico da sociedade rural alto-medieval portuguesa. Espera-se ainda que este trabalho possa estimular estudos neste mesmo sentido que integrem metodologias interdisciplinares que propiciem novos dados e novas leituras de velhas necrópoles.

BIBLIOGRAFIA

AREZES, Andreia (2010) – *Elementos de adorno altimedievicos em Portugal (séculos Va VIII)*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Policopiado.

CARDOSO, Guilherme (1991) – *Carta Arqueológica de Cascais*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.

CARDOSO, Guilherme; ENCARNAÇÃO, José d' (2001) – *Relatório das Sondagens Realizadas na Área de Protecção da Necrópole de Alcoitão (Concelho de Cascais)*. Disponível na Biblioteca de Arqueologia da Direção-Geral do Património Cultural, Palácio Nacional da Ajuda, Lisboa.

HERRMANN, Bernd; GRUPE, Gisela; HUMMEL, Susanne; PIEPENBRINK, Hermann; SCHUTKOWSKI, Holger (1990) – *Prähistorische Anthropologie. Leitfaden der Feld- und Labormethoden*. Berlin: Springer-Verlag.

MARTÍN VISO, Inaki (2012) – Enterramientos, memoria social y paisaje en la Alta Edad Media: propuestas para un análisis de las tumbas excavadas en roca en el centro-oeste de la Península Ibérica. *Zephyrus: Revista de Prehistoria y Arqueología*. Vol. LXIX. Salamanca: Universidad de Salamanca, pp. 165-187.

MEIRA, Catarina (2015) – *As necrópoles alto-medievais do concelho de Cascais (Séculos VI e VII)*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Texto policopiado.

OLIVEIRA, F. P. e (1888-1892) – *Antiquités préhistoriques et romaines des environs de Cascaes*. Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geológicos. Tomo II. Lisboa: Academia Real das Ciências, pp. 82-107.

PAÇO, Afonso do (1960) – *Vestígios de influência germânica no concelho de Cascais*. *Separata da revista Bracara Augusta*. Volume IX. Braga: Câmara Municipal de Braga, pp. 30-40.

QUIRÓS CASTILLO, Juan Antonio (ed.) (2013) – *El poblamiento rural de época visigoda en Hispania. Arqueología del campesinato en el interior peninsular*. *Documentos de Arqueología Medieval* 6. Bilbao: Universidad del País Vasco.

SILVA, Ana Maria (1993) – *Os restos humanos da gruta artificial de São Pedro do Estoril II: Estudo antropológico*. Relatório de investigação em Ciências Humanas. Coimbra: De-

partamento de Antropologia da Universidade de Coimbra. Policopiado.

SILVA, Ana Maria (2002) – *Antropologia funerária e paleobiologia das populações portuguesas (litorais) do Neolítico Final/Calcolítico*. Dissertação de Doutoramento em Antropologia Biológica. Coimbra: Departamento de Antropologia, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Policopiado.

VIGIL-ESCALERA GUIRADO, Alfonso (2007) – *Granjas y aldeas altomedievales al Norte de Toledo (450-800 D.C.)*. *Archivo Español de Arqueología*. Vol. 80. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, pp. 239-284.

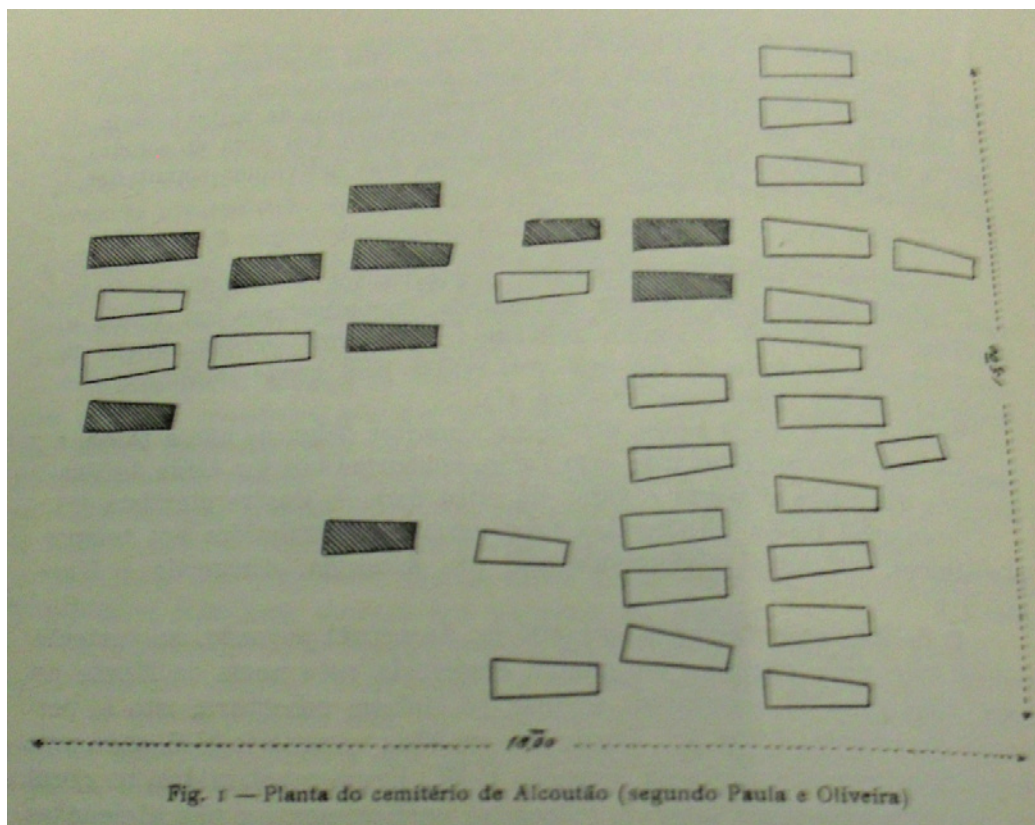


Figura 1 – Planta da necrópole de Alcôitão. A negro, as sepulturas que ainda mantinham lajes de cobertura, Autor: Francisco Paula e OLIVEIRA, 1888-1892, pl. I: fig. 1.



Figura 2 – *Sepultura A* à data dos trabalhos de campo realizados pela autora, Autor: Catarina MEIRA (autora), 2015.

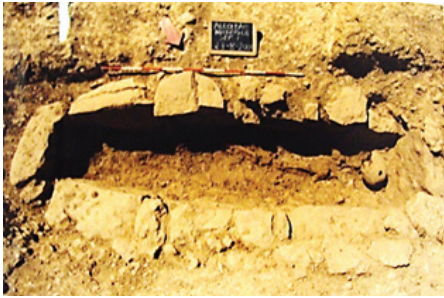


Figura 3 – *Sepultura 1*, Autor: Guilherme CAR-DOSO e José d' ENCARNAÇÃO, 2001.

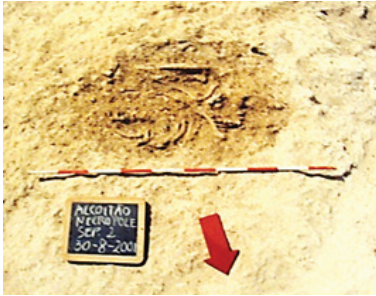


Figura 4 – *Sepultura 2*, Autor: Guilherme CAR-DOSO e José d' ENCARNAÇÃO, 2001.



Figura 5 – *Sepultura 3*, Autor: Guilherme CAR-DOSO e José d' ENCARNAÇÃO, 2001.

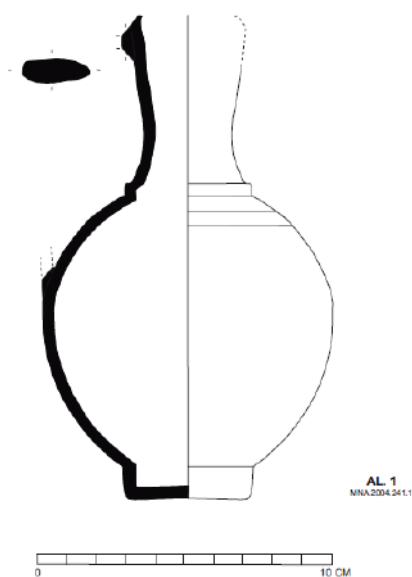


Figura 6 – Desenho do jarro AL. 1, Autor: Catarina MEIRA (autora), 2015.

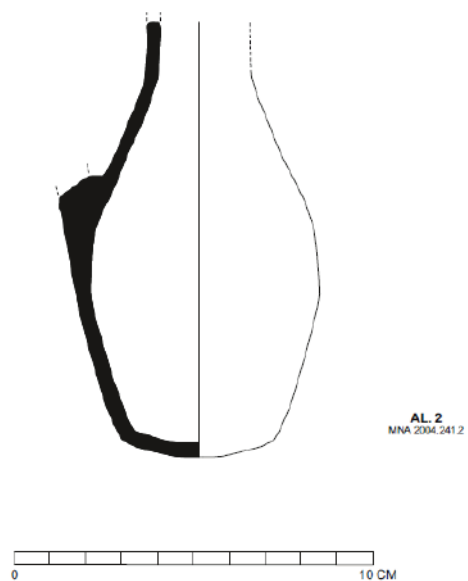


Figura 7 – Desenho do jarro AL. 2, Autor: Catarina MEIRA (autora), 2015.



Figura 8 – Desenho do anel AL. 3, Autor: Andreia AREZES, 2010, Est. LXXII: 208.

